

ROGÉRIO AUGUSTO GUIMARÃES

O craque do futebol de São José do Egito



No século passado (XX) fazia parte da cultura familiar os pais colocarem nomes bíblicos em filhos ou filhas devido a grande tradição católica que permeava o sertão. Na minha família, os irmãos Maria do Socorro, Francisco de Assis, José Humberto e João Marcos são a prova da religiosidade sertaneja. Meu pai, além da profissão de sapateiro, foi um dos fundadores do time Egipciense, jogou na posição de lateral direito e era quem fazia as chuteiras dos jogadores. Quando eu nasci em 1960, dois anos antes, o Brasil tinha sido campeão mundial na Suécia. Apaixonado por futebol, meu pai pediu ou sugeriu a minha mãe que ela colocasse o meu nome em homenagem a Gilmar dos Santos Neves, goleiro do Santos e por duas copas (1958/1962) foi goleiro da seleção brasileira. Nesse sentido, o assunto futebol fazia parte da atmosfera da minha residência, pois na sapataria do meu pai, os jogadores da época dele vez em quando aparecia para falar de futebol.

Apaixonado também pelo futebol, meus primeiros passos foram atrás de uma bola e de ouvir na sapataria as histórias dos jogadores do Egipciense dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Jogadores como Zé Rampé, Araújo, Marreco, Vanderson, entre outros, eram citados (muitos eu não me lembro dos nomes). Eu na fase de adolescente vi os grandes jogadores da minha época, como Abrãozinho, Paulo de Zé Rampé, Lagartixa, Zezé Coqueiro, entre outros.

Da infância para adolescência o campo de futebol onde eu jogava era o Forasteiro, na distância de 02 quilômetros da cidade e que se localizava dentro da caatinga. No outro lado da cidade, no sentido da saída para Teixeira na Paraíba, está localizado o Estádio de Futebol Francisco Pereira, onde os jogadores que citei antes fizeram história na segunda metade década de 1970 e início dos anos de 1980. Nessa época começava a se destacar os amigos que jogavam futebol e que faziam parte da minha geração. Foi nesse período que comecei a acompanhar o futebol brasileiro pelo rádio e pela tv e a escolha para torcer pelo Sport Clube do Recife.

Na rua, popularmente conhecida como a rua de Brejinho (cidade), por ficar na saída da cidade rumo ao lugar citado, morava Rogério Guimarães (sua mãe e irmãos moram na mesma casa), amigo de sala de aula por um curto período na Escola Estadual Edson Simões e colega nas peladas de futebol no Forasteiro e na quadra da Escola Cenecista São José, administrada por Bernardo Jucá. Nesse período, a nível de Brasil, os zagueiros mais técnicos, elegantes e virtuosos eram Beliato, no Clube Náutico Capibaribe, e Figueroa, de nacionalidade chilena e que jogava no Internacional de Porto Alegre, grande time da época e que tinha como estrela maior Falcão, jogador da Roma e da seleção brasileira nos anos de 1980.

Assistir os craques Beliato e Figueroa na tv e Rogério nos campos de futebol e nas quadras de futsal de São José do Egito, para mim, era a mesma coisa. Rogério era a elegância, a técnica e a virtuosidade do futebol de São José do Egito e que tinha condições de jogar em qualquer time do Brasil. Acontece que a referida cidade fica a 420 kl de Recife, numa época em que o sertão era mais isolado das grandes cidades por diversos fatores. E por causa disso, era muito difícil um jogador do interior distante ter acesso para jogar nos times das capitais.

Os jogadores zagueiros dos anos de 1980 eram defensores, armadores, dribladores, e em certos momentos, atacantes, basta lembrarmos de Oscar e Luisinho, craques da seleção de Telê Santana. Pois bem, Rogério era tudo isso, valendo salientar que era um zagueiro com uma altura em torno de 1.69 a 1.71 cm. Essa altura, geralmente está relacionada a jogadores do meio de campo em diante. O senso de colocação de Rogério para defender a zaga, a capacidade de ganhar as jogadas de cabeceio dentro da sua área, mesmo sendo os atacantes bem mais altos, era um fenômeno impressionante. O menino de seu Augusto (pai dele) fazia-se ser um gigante no espaço da sua zaga e comandava a defesa com cuidado e carinho,

como quem cuida de um filho. Muitas vezes, no tumulto de uma pressão sobre a sua área de defesa, vi Rogério matar a bola no peito, pisar na pelota, erguer a cabeça, tocar para alguém do seu time ou driblar um ou mais atacantes e sair jogando com elegância. Nunca vi Rogério dá um chutão para cima, tipo de jogada conhecida popularmente como “balão”. Uma vez, num treino do futebol profissional da Sodegi (Sociedade Desportiva Egípcia) entre os anos de 1977 e 1979 (não lembro bem), o zagueiro do time reserva se machucou, e Rogério que estava na beirada do campo, aparentando um moleque magro, quase invisível, foi chamado para substituir o zagueiro. Moral da história: Rogério parou o ataque do time profissional.

Esse virtuosismo de Rogério não se limitava somente ao seu espaço de devesa. Quando ele saía da zaga conduzindo a bola era um perigo para o time adversário, pois tanto sabia lançar bem como driblar de forma virtuosa e elegante, e além disso, sabia chutar bem, usando as duas pernas. Qualquer posição que colocasse Rogério para jogar, ele jogava bem. Apesar de nunca ter tido ensinamentos profissionais de um técnico estudioso do futebol, Rogério tinha a disciplina tática de colocação e de movimento dentro de campo de forma espetacular.

Além de um grande jogador, Rogério era discreto diante da sua capacidade. Nunca vi ele tendo atitude de amostrado, de narcisista ou egoísta dentro de campo. Sua concentração e disposição para jogar era de uma ética tão forte que ele esquecia da vaidade de ser um virtuoso atleta do futebol. Além disso, não era do tipo de zagueiro da dava pancada nos adversários. Ao contrário, ele fazia de tudo dentro da regra do futebol para tomar a bola do adversário. Claro que levou dribles, pois não existe um zagueiro na história do futebol mundial que não tenha sido driblado por algum atacante. No entanto, os grandes zagueiros não apelam para violência, e Rogério foi um desses zagueiros. Além disso, não tinha o hábito de falar mal dos outros jogadores no sentido técnico e tático.

Infelizmente Rogério não circula mais pelos campos de futebol de São José do Egito, nem pelas ruas da cidade. Uma diabetes agressiva o levou do nosso meio Egípcia, e se existe vida em outras dimensões, ele está nos campos do além, fazendo suas jogadas virtuosas e defendendo o time dos que estão com ele em algum campo, longe do planeta terra. Talvez, no silêncio do Estádio Municipal Francisco Pereira, o espírito de Rogério circula na solidão do espaço físico que chora de

saudades do filho de seu Augusto que tanto abrilhantou o futebol de São José do Egito e nos encheu de alegria ao assisti-lo jogando.

Gilmar Leite Ferreira
João Pessoa, 25/07/2023
João Pessoa, PB.